

Série Estratégias de Ensino 13



EDITORA AFILIADA

Série Estratégias de Ensino

1. *O ensino do espanhol no Brasil*, 2ª ed.
João Sedycias [org.]
2. *Português no ensino médio e formação do professor*, 2ª ed.
Clecio Bunzen & Márcia Mendonça [orgs.]
3. *Gêneros catalisadores — letramento e formação do professor*
Inês Signorini [org.]
4. *A formação do professor de português — que língua vamos ensinar?*, 2ª ed.
Paulo Coimbra Guedes
5. *Muito além da gramática — por um ensino de línguas sem pedras no caminho*, 3ª ed.
Irandé Antunes
6. *Ensinar o brasileiro — respostas a 50 perguntas de professores de língua materna*
Celso Ferrarezi
7. *Semântica para a educação básica*
Celso Ferrarezi
8. *O professor pesquisador — introdução à pesquisa qualitativa*
Stella Maris Bortoni-Ricardo
9. *Letramento em EJA*
Maria Cecilia Mollica & Marisa Leal
10. *Língua, texto e ensino — outra escola possível*
Irandé Antunes
11. *Ensino e aprendizagem de língua inglesa — conversas com especialistas*
Diógenes Cândido de Lima (org.)
12. *Da redação à produção textual - o ensino da escrita*
Paulo Coimbra Guedes
13. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*
Roxane Rojo

Roxane Rojo

LETRAMENTOS MÚLTIPLOS,
escola e inclusão
social



EDITOR: Marcos Marcionilo

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Andréia Custódio

FOTO DA CAPA: © Jay Simmon

stock.xchng[®] vi

FOTO CONTRA-CAPA: © Alfonso Dias

CONSELHO EDITORIAL

Ana Stahl Zilles [Unisinos]

Carlos Alberto Faraco [UFPR]

Egon de Oliveira Rangel [PUCSP]

Gilvan Müller de Oliveira [UFSC, Ipo]

Henrique Monteagudo [Universidade de Santiago de Compostela]

Kanavillil Rajagopalan [Unicamp]

Marcos Bagno [UnB]

Maria Marta Pereira Scherre [UFRJ, UnB]

Rachel Gazolla de Andrade [PUC-SP]

Salma Tannus Muchail [PUC-SP]

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R645l

Rojo, Roxane

Letramentos múltiplos, escola e inclusão social / Roxane Rojo. - São Paulo :
Parábola Editorial, 2009.

128p.: il. - (Estratégias de ensino ; 13)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456-98-3

1. Letramento. 2. Alfabetização. 3. Educação - Aspectos sociais. 4. Educação
inclusiva. I. Título. II. Série.

09-1918

CDD: 372.4

CDU 372.4

Direitos reservados à

PARÁBOLA EDITORIAL

Rua Sussuarana, 216 - Ipiranga

04281-070 São Paulo, SP

Fone: [11] 5061-9262 | Fax: [11] 5061-8075

home page: www.parabolaeditorial.com.br

e-mail: parabola@parabolaeditorial.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão por escrito da Parábola Editorial Ltda.

ISBN: 978-85-88456-98-3

© do texto: Roxane Rojo, 2009

© da edição: Parábola Editorial, São Paulo, junho de 2009

SUMÁRIO

Prólogo

7

CAPÍTULO 1

O insucesso escolar no Brasil do século XX — Um processo de exclusão social

13

CAPÍTULO 2

Letramento escolar, resultados e problemas — O insucesso escolar no Brasil do século XXI

27

CAPÍTULO 3

Letramentos da população brasileira — Alfabetismo funcional, níveis de alfabetismo e letramento(s)

41

CAPÍTULO 4

Alfabetização — O domínio das relações entre os sons da fala e as letras da escrita

59

CAPÍTULO 5

Alfabetismo(s) — Desenvolvimento de competências de leitura e escrita

73

CAPÍTULO 6

Letramento(s) — Práticas de letramento em diferentes contextos

95

Referências bibliográficas

123

Anexo

126

PRÓLOGO

Como alfabetizar letrando? Como desenvolver o letramento dos alunos sem deixar de dar atenção ao processo de alfabetização? Que letramentos fomentar? Quais gêneros de discurso trabalhar, quando e como? Quanto da exclusão escolar e social se deve aos insucessos na alfabetização e no desenvolvimento dos letramentos?

Perguntas como essas, vindas de professores e educadores em congressos e em processos de formação inicial e continuada, me levaram a escrever este livro, baseado em reflexões e materiais feitos em/para a formação de professores¹.

Posteriormente, a oportunidade de fazer discussões mais aprofundadas e de elaborar exercícios e materiais para meus alunos de práticas de letramento levou-me a organizar essas reflexões e materiais no formato final que tomou o volume.

Início a discussão sobre a alfabetização e os letramentos, refletindo sobre os processos de insucesso ou fracasso na escola brasileira do último século e sua relação com a exclusão social. Isso pareceu-me prioritário para dimensionar a importância que a ação didática de alfabetizar e letrar toma num país como o nosso, de tanta desigualdade social. Trabalhando a partir de alguns dados sobre analfabetismo, evasão e fracasso escolar no século XX no Brasil, desenvolvo, no capítulo 1, uma reflexão sobre as relações da escola com a população que acabam por contribuir para a exclusão social. A conclusão é que cabe a nós, agora, nos primórdios deste século XXI, enfrentar dois problemas: evitar a exclusão esco-

¹ Agradeço especialmente a Maria Angélica Freire de Carvalho, que me solicitou o que seria uma versão inicial deste texto para um processo de formação de professores. Agradeço também a meus alunos do 1º período do Curso de Letras da UNICAMP de 2008 que, lendo e estudando esse material, ajudaram-me a aperfeiçoá-lo.

lar e tornar a experiência na escola um percurso significativo em termos de letramentos e de acesso ao conhecimento e à informação.

Para ilustrar esses fatos da exclusão escolar, uma experiência interessante que fiz com meus alunos – que acabavam de experimentar o sucesso escolar de serem aprovados em um dos vestibulares mais concorridos e exigentes do país – foi fazê-los refletir sobre sua própria história familiar. A maioria deles mostrou-se surpresa ao constatar que são a primeira geração da família com uma escolaridade de mais longa duração e que seus avós eram analfabetos ou não tinham completado o ensino fundamental I. Com isso, puderam se identificar como brasileiros numa cultura recente de escolaridade de mais longa duração, de popularização de impressos e de democratização dos letramentos. Isso levou muitos deles a experimentarem a vontade de assumir uma postura protagonista em relação ao muito que a escola pode fazer para minorar a exclusão social.

Embora se tenha ampliado o acesso universal da população ao ensino fundamental e médio nos últimos anos, ainda podemos considerar o aluno do final do ensino médio como pertencente a uma camada de escolaridade de longa duração, como participante de processos de letramento escolar também de longa duração.

No entanto, os resultados obtidos pelos alunos brasileiros nas diferentes avaliações de percurso (SAEB, SARESP, Prova Brasil, ENEM, PISA) não são satisfatórios. Esses exames e seus resultados são tematizados no capítulo 2.

Para além de nossa experiência cotidiana das salas de aula e da impressão de desinteresse, desânimo e resistência dos alunos das camadas populares diante das propostas de ensino e letramento oferecidas pelas práticas escolares, resultados concretos e mensuráveis configuram um quadro de ineficácia das práticas didáticas que nos leva a perguntar: como alunos de relativamente longa duração de escolaridade puderam desenvolver capacidades leitoras tão limitadas? A que práticas de leitura e propostas de letramento estiveram submetidos por cerca de dez anos? A que textos e gêneros tiveram acesso? Trata-se de ineficácia das propostas? De desinteresse e enfado dos alunos? De ambos? O que fazer para constituir letramentos mais compatíveis com a cidadania protagonista?

Outros resultados que interessam são os do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF 2001) que avalia os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos, assim como as práticas de letramento em que se envolve e os acervos impressos de que dispõe. Esses resultados são abordados no capítulo 3.

Quanto às práticas de letramento da população brasileira, Abreu (2003) traz alguns dados sobre o acesso aos bens culturais dos entrevistados recenseados em 2001. Segundo a autora, contrariamente ao propalado, o brasileiro lê e gosta de ler, quando pode, para se distrair. Só não lê o que a cultura valorizada e a escola esperam que leia. Os dados mostram que 67% dos entrevistados de diferentes classes sociais, gêneros e escolaridade gostam de ler para se distrair e também que, como era de se esperar, há uma relação direta entre escolarização e gosto pela leitura. Quais livros as pessoas possuem e lêem? Da amostra, 65% possui dicionários. Surpreendentemente, 34% dos analfabetos têm dicionário em casa. Também 59% possuem livros didáticos; 58%, livros infantis e 35%, enciclopédias. A literatura, segundo a autora, não parece estar em alta: a posse de livros literários é relativa à condição econômica e, por vezes, à região do país. Por exemplo, nas classes C/D, concentradas no Norte e Centro Oeste, 46% dos entrevistados possuem a Bíblia e livros sagrados ou religiosos, aliás o impresso citado como o mais lido. Já a posse de romances, literatura de aventura, policial ou ficção em geral está concentrada nas classes A/B e na população jovem (30%). Desses jovens, 20% prefere ler e escrever poesia.

Para completar o retrato do acesso a bens culturais do brasileiro, Abreu faz saber que 83% da população da amostra nunca foi ao teatro, mas 81% assiste TV e 78% ouve rádio; 78% nunca foi a um museu e 68% nunca foi ao cinema, sendo que 59% nunca aluga filmes; também 50% nunca vai a show e 45% nunca vai a exposições ou feiras.

O que esses dados implicam para os letramentos na escola?

Em primeiro lugar, que, assim como foi relativamente capaz de popularizar e democratizar os impressos, urge que a escola se preocupe com o acesso a outros espaços valorizados de cultura (museus, bibliotecas, teatros, espetáculos) e a outras mídias (analógicas e digitais).

Em segundo lugar, é também urgente que reveja suas práticas de letramento, pois os resultados – tanto escolares, como em termos de indicadores de alfabetismo da população – ainda são elitizados e muito insuficientes para a grande maioria da população (74%).

Finalmente, um dos papéis importantes da escola – como agência cosmopolita (Souza-Santos, 2005) – no mundo contemporâneo é o de estabelecer a relação, a permeabilidade entre as culturas e letramentos locais/globais dos alunos e a cultura valorizada que nela circula ou pode vir a circular. Esse talvez seja, inclusive, um caminho para a superação do insucesso escolar e da exclusão social.

Como e em que direção fazê-lo são temas abordados nos outros três capítulos do livro. Nesses, passo a desenvolver e sustentar minha própria compreensão dos conceitos de *alfabetização*, *alfabetismo* e *letramento* entendido no plural – *letramentoS* –, um conjunto muito diversificado de práticas sociais situadas que envolvem sistemas de signos, como a escrita ou outras modalidades de linguagem, para gerar sentidos.

Entendo a *alfabetização* como a “ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever”, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado. Embora algumas pessoas se alfabetizem fora da escola, a escola é a principal agência alfabetizadora e a alfabetização, enquanto processo de ensinar a ler e a escrever, é uma típica prática de letramento escolar, que apresenta as características sublinhadas por Lahire (1995): objetivar a linguagem em textos escritos, despertar da consciência para os fatos da linguagem, analisar a linguagem em sua composição por partes (frases, palavras, sílabas, letras). No capítulo 4, exponho a complexa rede de conhecimentos e capacidades necessários ao domínio da escrita alfabética.

Já *alfabetismo* é um conceito bastante complexo, sócio-historicamente determinado. Complexo, em primeiro lugar, porque envolve tanto as capacidades de leitura como as de escrita. Em segundo lugar, essas capacidades são múltiplas e variadas. Para ler não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala. É preciso compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com

os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu próprio ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto em seu contexto. Além disso, o que se define como *alfabetismo* muda de uma época para outra, porque essas definições refletem as mudanças sociais. No capítulo 5, discutimos em detalhe as competências e capacidades envolvidas no domínio da leitura e produção de textos escritos.

O capítulo 6 é dedicado aos letramentos. As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetismo ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas, as práticas escolares. Mas não exclusivamente. É possível ser não escolarizado e analfabeto, mas participar de práticas de letramento, sendo, assim, letrado de uma certa maneira. O termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. Nesse capítulo, abordamos as definições iniciais de letramento, ainda bastante próximas do conceito de alfabetismo; as críticas dos novos estudos do letramento a estas definições; a passagem do conceito de letramento inicial ao plural, indicando a complexidade e multiplicidade de práticas (letramentos múltiplos), algumas dominantes (como o letramento escolar, jurídico, acadêmico, literário, burocrático), outras marginais e desvalorizadas, como as práticas de letramento cotidianas ou artísticas das culturas locais e populares.

Defendo que um dos objetivos principais da escola é possibilitar que os alunos participem das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta, de maneira ética e democrática:

- os **letramentos multissemióticos**;
- os **letramentos críticos e protagonistas**;
- os **letramentos múltiplos**.

Cabe também à escola potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica.

O professor poderá se perguntar **como** essa multiplicidade tão grande de práticas e textos que podem e devem ser objetos de estudo e crítica poderá ser abordada na organização curricular e do espaço-tempo escolar. Como organizar, na escola, a abordagem de tal multiplicidade de práticas? Que eventos de letramento e textos selecionar? De que esferas? De que mídias? De quais culturas? Como abordá-los?

Alguns conceitos podem ser organizadores da seleção e progressão do ensino desses objetos. Principalmente, o conceito de *letramentos múltiplos*, se operacionalizado pelo conceito de *esferas de circulação dos textos* e de *gêneros discursivos*. Ao organizar programas de ensino, o professor pode considerar que gêneros de que esferas (e com que práticas letradas, capacidades de leitura e produção agregadas) devem/podem ser selecionados para abordagem e estudo, organizando uma progressão curricular.



Desejo que a leitura deste livro seja não somente útil, mas também agradável.

ROXANE ROJO
São Paulo, maio de 2009